

# Uso de ambiente virtual de aprendizagem como suporte em sala de aula entre professora surda e alunos ouvintes

---

Ângela Deise Santos Guimarães\*

## Resumo

**R**elato de experiência de uma professora com deficiência auditiva profunda bilateral utilizando um ambiente virtual de aprendizagem nos cursos de licenciaturas (Física e Química) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Química de Nilópolis/RJ. Por meio da oferta de uma disciplina optativa, Educação Inclusiva, no formato semipresencial, utilizando o apoio de uma sala de aula virtual configurada pela própria professora, foi possível atribuir significados a alguns aspectos de acessibilidade e comunicação. A metodologia utilizada nas aulas, com base na aprendizagem significativa, e a tecnologia empregada – ambiente virtual de aprendizagem (Moodle), disponibilizando ferramentas interacionais –, são propostos como formas de comunicação e construção coletiva de conhecimento entre alunos ouvintes e um professora não ouvinte. São discutidas as questões e conclusões desta experiência pedagógica.

**Palavras-Chave:** *Acessibilidade. Ambiente virtual de aprendizagem. Aprendizagem significativa. Comunicação.*

A partir de 2007, o CEFET Química de Nilópolis/RJ iniciou a sua atuação no campo da acessibilidade e da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino superior, por meio do NAPNE (Núcleo de apoio à pessoa com necessidades educacionais especiais). Como parte das ações, oferecemos uma disciplina optativa denominada “Educação Inclusiva”, para a comunidade acadêmica dos cursos das licenciaturas de Química e Física. A opção metodológica do curso teve por base a utilização de um ambiente virtual de

---

\* Centro Federal de Educação Tecnológica de Química/RJ – [angelimago@gmail.com](mailto:angelimago@gmail.com)

aprendizagem, utilizado pela comunidade internacional, conhecido por Moodle. Nesse ambiente, o professor configura o seu curso e administra todos os conteúdos relativos às aulas e tarefas, bem como as ferramentas de interação, como fórum, chat e correio eletrônico.

Em nossa disciplina, os temas transversais do curso foram a acessibilidade e a inclusão. A acessibilidade deve ser compreendida não apenas como o acesso à rede de informações, mas também como a “eliminação de barreiras de comunicação, equipamentos e softwares adequados às diferentes necessidades especiais, bem como conteúdo e apresentação da informação em formatos alternativos” (LIMA; SANTAROSA, 2003, p. 3). Consideramos a inclusão como um princípio filosófico, por evidenciar valores e princípios éticos, e de caráter social, por se constituir num campo de tensões e contradições educacionais.

Definido o pano de fundo, devo explicar que, em setembro de 2007, sofri uma perda súbita da audição residual da orelha esquerda e passei para a condição de surda oralizada, dependente da leitura labial para a compreensão e comunicação. Pude contar com a ajuda de amigos professores durante a minha adaptação. Imaginei como seria possível dar continuidade à minha função de docente na condição em que me encontrava, e propus o oferecimento da disciplina optativa “Educação Inclusiva”, utilizando como apoio um ambiente virtual de aprendizagem. A disciplina foi oferecida no formato semipresencial, disponibilizada em [www.cefetqvvirtual.com.br](http://www.cefetqvvirtual.com.br), comunidade de aprendizagem *on line*. Para o início do curso contei com o apoio de um professor\*\* no primeiro mês de adaptação dos alunos à nova tecnologia, devido à condição especial de comunicação em que nos encontrávamos. Utilizamos o laboratório de informática para as aulas presenciais, e os alunos inscritos participaram utilizando individualmente os computadores disponíveis, acessando o ambiente por meio de senha pessoal. Algumas questões foram pensadas na tentativa de prever e planejar a comunicação entre ouvintes (alunos) e um não ouvinte (professora), como o uso de um ambiente que disponibilizasse ferramentas de registro por escrito, favorecendo o acompanhamento da produção escrita e avaliação dos alunos.

Sabemos que as linguagens oral e escrita diferem entre si de

---

\*\* *Professor Fábio Batalha – CEFETQ – Coordenador do CEAD. A quem expresso meus sinceros agradecimentos.*

múltiplas maneiras, sendo que, na fala, a permuta da informação se dá por mais de um canal, enquanto que na escrita existe um canal único, o gráfico. O canal gráfico exige competências cognitivas específicas, visto que a escrita não está acompanhada de outras formas de linguagem que possam ajudar a construir o sentido.

Maraschin e Axt comentam que:

Para se fazer entender claramente sem gestualidade, sem expressão facial, sem entonação, sem um ouvinte real, tem-se que prever cuidadosamente todos os possíveis significados que um enunciado pode ter para qualquer leitor possível em qualquer situação concebível, e deve fazer que a linguagem funcione a fim de expressar com clareza por ela mesma, sem contexto existencial algum. (MARASCHIN; AXT, 2000, p.90, apud ONG, 1987)

O uso do ambiente virtual de aprendizagem privilegia a linguagem escrita, facultando aos usuários a redação e expressão de conteúdos que muitas vezes não são oralizados em sala de aula, podendo ser editados várias vezes antes de uma postagem, permitindo avaliações posteriores. Em nosso curso, as interações do ambiente, denominadas de “Encontros e debates” (Fórum de discussão, Fórum Social e Chat), permitiram a construção de eixos de conhecimentos pelos próprios alunos. O Fórum, espaço privilegiado, onde a palavra é dada de forma “livre”, permitiu aos alunos proporem temas e debates para serem discutidos no grupo, sendo-lhes garantida a “escuta”. A posição de professor nesta ferramenta desloca-se, podendo ser ocupada por qualquer membro do grupo que se disponha a “ensinar”. O “Chat” (bate-papo virtual) democratizou a participação, pois é acessível a pessoas com deficiência auditiva. Esta ferramenta de conversação por escrito conserva da modalidade oral algumas de suas propriedades, por exemplo, a *rapidez*, que é, de algum modo, resguardada, bem como o responder e o perguntar, fazendo-se a troca de turnos imediatamente, que é uma característica da oralidade (MUTTI; AXT, 2008).

Recursos complementares como vídeos, programas relativos à acessibilidade e inclusão, artigos e links úteis foram disponibilizados na interface do ambiente. O “blog” (ou portfolio) foi muito pouco acessado pelos alunos, embora seja uma ferramenta muito útil para o livre registro do percurso e aprendizado do aluno.

Novas questões surgiram durante o curso. Como se revelaria a interação, a conduta ética e a aprendizagem num contexto onde a comunicação oral não poderia ser sustentada da maneira convencional, sabendo que somente uma pessoa pode ser ouvida por vez por um leitor labial? Como o professor surdo pode avaliar o grau de ruído e perturbações do ambiente? E perguntas feitas sem sinalização prévia pelo aluno? Como saber se a comunicação está sendo de fato garantida? Qual a organização dos colegas perante as limitações da surdez, relativas às condutas de respeito e ao diálogo? Estamos considerando que a palavra *diálogo* pode ser compreendida em um sentido mais amplo, não apenas de uma comunicação face a face, mas de toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 1995).

Outras questões vieram ao longo do curso, com base na utilização da informática. A diversidade (de comunicação) e o pluralismo acadêmico (os alunos estavam em patamares diferentes em relação ao uso da informática) poderia ser um apoio, ou uma limitação a mais para o aprendizado e, conseqüente, emancipação dos participantes? Para que serviria o computador afinal? O computador pode servir para dar acesso ao que está distante e invisível. Tentei imaginar o quão invisível poderia ser a surdez para os alunos e em que sentido restrito eles poderiam entender esta condição (por não vivenciarem o silêncio auditivo), a ponto de participarem como alunos ouvintes e como redatores de texto. O papel dos alunos foi transposto para o de facilitadores da comunicação, aspecto este muito importante na formação de professores das licenciaturas que irão atuar como educadores.

As aulas virtuais tiveram como marco de referência o construtivismo e a aprendizagem significativa, privilegiando uma leitura crítica de temas como conhecimento em rede e tecnologia de informação e comunicação, corpo e deficiências, acessibilidade, tecnologia assistiva, filosofia da educação, paradigma da normalidade, integração e paradigma da inclusão, inclusão-exclusão, educação e escola inclusiva, família e sociedade. Outros temas foram evidenciados com base nas discussões dos fóruns. O encontro entre temas do curso e dos temas surgidos durante a disciplina (identidade do aluno com necessidades educacionais especiais, qualidade de vida, mercado de trabalho) resultou nos trabalhos apresentados ao final do curso.

Ao término da disciplina os alunos foram convidados para uma aula aberta no Jardim Sensorial do Instituto de pesquisas Jardim

Botânico/RJ, planejado para ser acessível a pessoas com deficiência visual. Os videntes podem optar por fazer o reconhecimento das plantas sensoriais com os olhos vendados, sendo conduzidos por monitores cegos. Esta experiência, em contrapartida aos conteúdos disponibilizados no ambiente virtual de aprendizagem, colocou todos numa condição de alteridade para com a deficiência em um ambiente real, resultando em um momento bastante significativo para o grupo.

Minhas reflexões ao término do curso resultaram em considerações sobre o que, quanto e como sabemos sobre acessibilidade e inclusão; como compartilhar espaços privilegiando a visão do sujeito em sua plenitude, para além de suas limitações e deficiências numa sociedade que exalta a estética da “normalidade”, do convencional e dos estereótipos. A metacognição é essencial em qualquer processo de ensino. Acredito que, na prática da educação, a reflexão e a vivência de nossas limitações (e sobre o “pouco que sabemos”), podem contribuir de maneira significativa para o aprendizado da inclusão. A experiência de utilização do AVA como “facilitador” da comunicação no contexto aula pode ter sido positiva para os participantes nos aspectos de aprendizado de novas tecnologias e acessibilidade, e restritiva, para alguns, no que se refere ao valor do encontro presencial, conforme relato de uma aluna da disciplina de Educação Inclusiva, postado no Fórum de discussão:

A Educação Inclusiva nos surpreende tanto porque é algo que dá medo. Medo de não saber como fazer, medo de não conseguirmos fazer e medo por ainda ser algo novo para muitos. Afinal, o novo sempre traz um pouco de medo.

Em julho de 2008, fiz o meu implante coclear e iniciei uma nova fase de identidade com base em uma escuta eletrônica. Essa experiência vem me permitindo compreender melhor o valor da comunicação entre ouvintes e surdos e a força da interculturalidade e da escuta.

## Referências bibliográficas

Bakhtin, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

LIMA, C. R. U; SANTAROSA, L. M. C. Acessibilidade tecnológica e pedagógica na apropriação das tecnologias de informação e comunicação por pessoas com necessidades educacionais especiais. In: XIV *Simpósio Brasileiro de Informática na Educação* – NCE – IM/UFRJ, 2003. Disponível em:

<<http://www.nce.ufrj.br/sbie2003/publicacoes/paper44.pdf>> Acesso em: 05-08-2008.

MARASCHIN, C; AXT, M. O Enigma da Tecnologia na formação docente. In: PELLANDA, N.M.C; PELLANDA E.C. (Orgs.). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto alegre: Artes e Ofícios, 2000.

MUTTI, R.M.V.; AXT, M. Para uma posição enunciativa no discurso pedagógico mediado por ambientes virtuais de aprendizagem. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v.12, n. 25, p. 347-61, abr./jun. 2008.

